



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**LUCIANA ANACLETO DE ANDRADE**

**A L E I T U R A:  
UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS DE  
ENSINO-APRENDIZAGEM**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2008**

**LUCIANA ANACLETO DE ANDRADE**

**A L E I T U R A:  
UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS DE  
ENSINO-APRENDIZAGEM**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.**

**Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2008**



A5531 Andrade, Luciana Anacleto de.  
A leitura: uma análise dos processos de ensino -  
aprendizagem / Luciana Anacleto de Andrade.- Cajazeiras,  
2008.  
48f.: il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade  
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de  
Professores, 2008.

Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Aquisição de leitura. 2. Escola - processo de  
leitura. 3. Crianças - dificuldades de leitura. 4. Leitura  
- formação do professor. 5. Leitura - tipos. I. Lima, Maria  
Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III.  
Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 028

**LUCIANA ANACLETO DE ANDRADE**

**A LEITURA: UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS DE ENSINO-  
APRENDIZAFEM.**

**MONOGRAFIA APROVADA EM 20/02/2009**

*MariaJaneteDeLima*

---

**PROF: MS. MARIA JANETE DE LIMA  
(Orientadora)**

**CAJAZEIRAS-PB  
2008.**

A vida é um grande espetáculo. Vale a pena vivê-la, apesar de todas as suas dificuldades. Um vencedor não pode estar na platéia, tem de estar no controle de sua vida.

Augusto Cury.

## **DEDICATÓRIA**

A Irisvan Anacleto de Andrade.

## AGRADECIMENTOS

Ao criador do universo que me abençoou com a coragem, força de vontade e a inteligência. E me deu a graça de lutar para alcançar o meu objetivo.

Aos meus pais pela força dada e o apoio nos momentos frágeis da vida.

Ao meu esposo, pelo amor, compreensão, incentivo e todo apoio nas horas difíceis.

Aos mestres, por todas as lições, ensinamentos e conselhos.

A todos que contribuíram direto ou indiretamente para a concretização desse sonho.

## RESUMO

A escolha do tema "A leitura: uma análise dos processos de ensino-aprendizagem" é fruto das observações acerca da leitura em sala de aula. Sabemos que boa parte dos educandos não aprecia a leitura de textos ou livros que a escola dispõe. Diante dessa situação recorremos a idéias de alguns autores que abordam as causas desse problema e mostram saídas para a sua superação. A escola, ao perceber essa falta de compromisso dos alunos em relação à leitura deve recorrer a uma prática renovadora voltada para a motivação e formação de estudantes leitores. Com o desenvolvimento desse estudo, pretendemos contribuir para que os professores reflitam sobre sua prática, contribuindo assim para a motivação de estudantes leitores.

**PALAVRAS-CHAVE:** LEITURA, ESCOLA, EDUCANDO, PROFESSORES.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> -----	1
<b>CAPÍTULO I - UMA EVOLUÇÃO HISTÓRICA SOBRE O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA NA SOCIEDADE</b> -----	4
1.1- A LEITURA COMO PRÁTICA SOCIAL-----	4
1.2- O PAPEL DA ESCOLA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA-----	7
1.3- AS DIFERENTES FUNÇÕES QUE A LEITURA DESEMPENHA NO MEIO SOCIAL-----	9
1.4- O PAPEL DO PROFESSOR NA ATIVIDADES DE LEITURA-----	11
<b>CAPÍTULO II - UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS DE LEITURA NA ESCOLA</b> -----	15
2.1- O PAPEL DO LEITOR DIANTE DOS VÁRIOS TIPOS DE LEITURA-----	15
2.2- OS VÁRIOS TIPOS DE LEITURA-----	17
2.3- A FORMAÇÃO DO PROFESSOR COMO FATOR DETERMINANTE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM-----	19
2.4- AS DIFICULDADES QUE AS CRIANÇAS ENCONTRAM NAS ATIVIDADES DE LEITURA-----	22
2.5- A IMPORTÂNCIA DE UMA BIBLIOTECA NO ÂMBITO EDUCACIONAL--	24
2.6- A RELAÇÃO EDUCADOR-EDUCANDO COMO PONTO ESSENCIAL NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA-----	27
<b>CAPÍTULO III - PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DOS DADOS</b> --	29
3.1- METODOLOGIA DA PESQUISA - ESTUDO DE CASO-----	29
3.2- CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA-----	30
3.3- ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DO GESTOR-----	31
3.4- ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS PROFESSORES-----	32
3.5- ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS ALUNOS-----	35
<b>CONCLUSÃO</b> -----	42
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> -----	43
<b>ANEXOS</b> -----	44

## INTRODUÇÃO

A escolha desse tema é fruto de várias observações acerca da atividade de leitura em sala de aula. Boa parte dos educandos não aprecia a leitura de textos ou livros que a escola dispõe. Sabendo dessa situação, podemos recorrer a idéias de alguns autores que abordam melhor as causas desse problema e mostram saídas para sua superação.

A Escola, ao perceber essa falta de compromisso dos alunos em relação ao processo de leitura, deve recorrer a uma prática renovadora voltada para a motivação e formação de estudantes leitores.

A partir dessas implicações, percebemos a necessidade de se trabalhar melhor a questão da leitura na escola. Com o desenvolvimento desse estudo, pretendemos contribuir para que os professores reflitam sobre sua prática de leitura, e, se essa prática está realmente contribuindo para a motivação de leitura de estudantes leitores.

Nessa perspectiva, cada educador poderá utilizar na prática essas contribuições teóricas, cuja importância se encontra na renovação da prática tradicional da leitura

O nosso trabalho tinha como objetivos investigar os processos de ensino-aprendizagem do ensino da leitura a partir de uma reflexão com professores e alunos; identificar as dificuldades dos educadores quanto às práticas de leitura; verificar as dificuldades dos educandos quanto às práticas de leitura; identificar às práticas desenvolvidas na biblioteca escolar. Todos esses objetivos servirão de base para desenvolvermos um trabalho que tinha como pressuposto o tema “A Leitura: Uma Análise dos Processos de Ensino-Aprendizagem”.

Pretendemos através desse estudo, conhecer a prática de leitura que está sendo utilizada no 4º ano do Ensino Fundamental. Para tanto, planejamos o espaço a ser pesquisado, os sujeitos da pesquisa que diz respeito aos educadores, educandos e gestores, e os recursos empregados na coleta de dados.

Passaremos a utilizar a pesquisa exploratória, na intenção de explorar o fenômeno estudado e compreender melhor as idéias desse fenômeno.

Quanto às fontes de informações, recorreremos a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Professor Francisco Cassiano Sobrinho, já que consideramos o espaço educacional o mais apropriado meio para se trabalhar essa questão.

Utilizamos o questionário como forma de obter informações, através de perguntas e questionamentos aos docentes, discentes e gestores da instituição trabalhada.

O presente trabalho é formado por três capítulos, os quais se subdividem em vários subtópicos, e todos eles relacionados ao tema “A Leitura: Uma Análise dos Processos de Ensino-Aprendizagem”.

O primeiro capítulo, cujo tema trata-se da evolução histórica do processo de aquisição da leitura na sociedade, retrata a leitura como uma prática social, não como uma obrigação, mas como uma forma de prazer, onde todos os indivíduos podem adquirir o hábito e o prazer da leitura.

O referido capítulo também ressalta o papel que a escola desempenha no processo de aquisição da leitura por parte dos alunos, pois cabe a mesma propiciar um ambiente em que a leitura se torne significativa, não somente para os alunos, mas também para todos aqueles que compõem a âmbito educacional.

Enfim, o primeiro capítulo trata da leitura como forma de possibilidade que todos os sujeitos podem ter de conhecer o mundo através das várias leituras que são adquiridas no nosso dia-a-dia.

O segundo capítulo trata-se dos processos de leitura na escola, cuja finalidade é demonstrar a importância da escola para os alunos leitores, pois é na escola que a maioria dos alunos sentem o prazer de ler um livro, já que muitos dos alunos de escola pública são oriundos da classe baixa e os pais não têm condições de comprar livros, revistas, jornais, etc., ficando a escola como uma instituição responsável por oferecer essa oportunidade para os alunos iniciarem o gosto pela leitura através dos mais variados materiais, desde rótulos até livros, jornais, revistas, e todos esses materiais influenciam e muito na aprendizagem dos alunos.

O segundo capítulo também aborda a formação do professor como fator determinante no processo de ensino-aprendizagem; visto que nos últimos anos é cobrado dos professores mais

qualificação, mais autonomia, sendo assim, o professor deve está sempre preocupado com a sua formação, procurando novas informações, estando sempre aberto a novas formas de conhecimento. Para que as suas aulas não se tomem monótonas, o professor deve criar situações novas, atraentes para que os alunos sintam prazer em estar em sala de aula.

O terceiro e último capítulo trata-se do percurso metodológico e a análise dos dados, onde está registrada a metodologia utilizada no estudo de caso e a análise dos questionários aplicados aos professores, alunos e gestores da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Professor Francisco Cassiano Sobrinho, escola essa localizada na cidade de Poço José de Moura – PB.

O terceiro capítulo tem como pressuposto demonstrar como se deu a investigação dos dados necessários para a realização do trabalho de campo, além de também fornecer os dados da escola campo de estágio, para que ficássemos conhecendo um pouco sobre a instituição, na qual iremos desenvolver o nosso trabalho referente ao tema leitura.

No terceiro capítulo está minuciosamente descrito todos os questionamentos com suas respectivas respostas feitos aos professores, alunos e ao gestor da escola acima citada, para que pudéssemos compreender melhor como se dá o processo de leitura na referida escola e com base nos dados obtidos, desenvolvemos um trabalho em cima da necessidade da escola.

Esperamos que esse trabalho sirva como um referencial a mais para que os educadores pensem e repensem sobre a sua atuação em sala de aula, fazendo com que a instituição escola se uma em prol da formação de estudantes leitores. Sabemos que novos estudos surgirão referentes a esse tema, já que esse trabalho não é campo fechado, mas um campo aberto para novos conhecimentos que nos ajudarão no ensino-aprendizagem da leitura em sala de aula.

# **1º Capítulo: Uma evolução histórica sobre o processo de aquisição da leitura na sociedade**

## **1.1 A leitura como prática social**

É normal escutarmos expressões do tipo: “meus alunos não gostam de ler”. Muitas vezes o próprio educador não se habitua a essa prática, e, por consequência, não se preocupam em motivar seus alunos a lerem.

Os educadores precisam ampliar sua leitura através da prática da leitura, indo além do tradicional, pois se buscamos a formação de alunos leitores, devemos considerar a importância, de uma renovação nessa atividade, a começar pelos próprios docentes. É como afirma Kleiman (1998, p. 15): “Para formar leitores devemos ter paixão pela leitura”.

Na fase inicial, geralmente as crianças são submetidas a rigorosas práticas, como por exemplo, às repetições irritantes das famílias das palavras e o pavor diante das dificuldades em aprendê-las.

Não se pode negar que nessa fase, a atividade de leitura é cansativa e problemática, mas afinal, o que a escola pode fazer para desvincular essa situação de falta de apreciação? “Os professores, especialmente os das séries iniciais, devem cumprir o papel de estimular as crianças a participar da leitura”. (WEISZ & SANCHEZ, 2002, p. 50).

Esse estímulo diz respeito a uma organização na prática de leitura em sala de aula, através da seleção de textos informativos e literários, os alunos poderão perceber a importância da leitura para o seu enriquecimento cultural.

A resistência do aluno continua-se um outro obstáculo para o professor em sua atuação em sala de aula. Kleiman (1998, p. 16), afirma que “A resistência do aluno constitui uma das primeiras barreiras que o professor tem que negociar antes mesmo de ensinar a ler”. Podemos ressaltar que essa resistência refere-se a uma acomodação do aluno quanto ao seu desprazer pela leitura. Boa parcela dos estudantes se distancia dessa atividade, daí a importância da motivação escolar,

sabendo que essa função é importante na medida em que cria condições favoráveis a essa prática, negociando a falta de afetividade do aluno através de diretrizes indispensáveis à prática de leitura.

A escola deve promover oportunidades, nas quais o aluno desenvolva um sentimento harmonioso em relação à leitura; são vários, os tipos de livros, como também, a diversidade de conteúdos chamativos que deles sobressaem.

A biblioteca escolar pode tomar-se um ambiente completamente favorável a essa prática, desde que haja um reconhecimento por parte dos professores em motivar seus alunos a frequentar mais este espaço, que é tão rico em matéria de leitura.

É importante “considerar esse espaço como sendo também um local de vida central da escola, onde é possível organizar exposições, debates, relatos de viagens, momentos de poesia, etc.” (JOLIBERT, 1994, p. 96).

Dentro da sala de aula pode-se recorrer a leituras enriquecidas com relação aos conteúdos. Não é pelo fato de serem crianças, que os alunos devem necessariamente utilizar textos simplificados e desprovidos de assuntos desclassificados.

Os docentes devem estar atentos aos tipos de leituras que estão sendo explorados em sala de aula, para tanto, basta observar o grau de afinidade que as crianças estão tendo a essa prática. É fundamental a utilização de uma literatura infantil de qualidade, nessa perspectiva, Carvalho (1974) nos lembra o seguinte:

Poucos são, no entanto, os autores que, escrevendo para crianças, souberam compreender a missão da literatura infantil (...). Um escritor brasileiro, talvez o único que escreveu verdadeiros romances para crianças, imprimindo em seus personagens, mesmo fantásticos, uma natureza humana desprovida de morbidez, violência e perversão, foi Monteiro Lobato. (CARVALHO, 1974, p. 94).

A leitura de caráter informativo também pode ser considerada um instrumento de incentivo à leitura. E isto, graças aos conteúdos chamativos que contém em textos dessa ordem. Podemos

citar vários exemplos dessa proposta: textos de informações publicitárias, artigos de jornais ou revistas, notícias jornalísticas, etc.

Essas alternativas podem despertar o interesse dos educandos em relação a atividade de leitura, já que ajudam a exercitar e cultivar os valores e atitudes afetivas dos estudantes em torno dessa atividade.

Os resultados dessa prática poderão ser satisfatórios, pelo fato de promoverem uma inovação diante das práticas costumeiras que quase não beneficiam as necessidades de leitura dos discentes. Essa inovação que enfatizamos, é, portanto a heterogeneidade de leitura no ambiente escolar. “O professor deve oferecer oportunidade para as reações afetivas do aluno. Para isso convém preparar as situações em que, um sentimento de agrado se una a reação desejada na aprendizagem” (WEISZ & SANCHEZ, 2002, p. 79).

Além dessas estratégias, para que haja um melhor rendimento da realização de leitura em sala de aula, deve-se trabalhar também o processo de compreensão da mesma, pois, como o aprendiz vai aperfeiçoar uma coisa, se não consegue compreendê-la? Daí a importância da atuação do educador enquanto orientador cabe a ele, exercitar a concentração, entendimento, assimilação e integração, etapas fundamentais da mente para a realização do processo de leitura.

É dever de a escola trabalhar em prol da formação de estudantes habituados à leitura, segundo Carvalho (1974, p. 26) o gosto é uma coisa que se adquire e que se educa. (...) Quanto mais lemos, mais apura nosso gosto, mais requintados e exigentes ficamos. E é no desenvolvimento de nosso gosto que apuramos nosso senso crítico.

Portanto, devemos aprimorar cada vez mais, nossa metodologia de leitura no ambiente escolar. Se “o gosto é um coisa que se educa”, resta-nos praticar essa educação, esquecer o tradicionalismo improdutivo e ampliar o desejo pela formação de estudantes leitores.

Os Pais e professores exercem um importante papel na formação de leitores, no que diz respeito ao aprimoramento e o gosto pela leitura tanto na sala de aula, como no dia-a-dia, incentivando-os a terem prazer em ler textos diversificados.

Mas, infelizmente certos pais e professores às vezes não sabem contribuir com a formação das crianças, restringindo-as no aperfeiçoamento da leitura. Barbosa (1994, p. 134), afirma que: “os pais e professores, geralmente, sentem necessidade de controlar a leitura da criança: “leia isto aqui para mim” (em voz alta, naturalmente). É interessante notar que esta necessidade de controle se restringe aos atos de ler e escrever”.

## **1.2 O papel da escola no processo de aquisição da leitura**

A escola comete vários erros, ao achar que a criança só deve ter contato com textos, adequados a sua fase de leitura, textos esses que servem somente para as crianças decodificarem as letras. É como afirma Barbosa (1994):

Outro erro comum da escola em relação à leitura é ignorar as interações da criança com as escritas sociais. Sob o pretexto de que ela “não sabe ler”, não lhe ensinamos a ler: em outras palavras, não lhe proporcionamos ocasiões de exercício de seu saber ler. E a escola procura “ensinar” selecionando os textos que do seu ponto de vista, são mais adequados para a aprendizagem da leitura, não considerando o interesse e os contatos prévios da criança com a escrita social. (BARBOSA, 1994, p. 134).

As crianças devem ser sempre estimuladas a não terem medo de errar, de fracassar, devem ser conscientes de que o erro faz parte da vida de todo ser humano. O medo de errar pode se tornar um fator negativo na aquisição da leitura; nessa perspectiva, Barbosa (1994), nos lembra o seguinte:

Um dos motivos que pode levar a criança a não querer aprender a ler é o risco que toda aprendizagem supõe. O medo de enfrentar uma situação desconhecida, o receio de não ser capaz, a percepção de que na situação em que está colocada ela não está autorizada a errar, tudo isto pode desenvolver na criança um bloqueio que dificulte a aprendizagem. (BARBOSA, 1994, p. 135).

“Uma das conclusões que se pode tirar das novas investigações sobre a leitura é que aprender a ler não supõe nenhum talento especial por parte do aprendiz. Podemos dizer que toda criança que



aprendeu a falar tem, também, desenvolvida a capacidade para aprender a ler”. (BARBOSA, 1994, p. 136)

Toda criança tem a capacidade de aprender a ler e para que isso ocorra da melhor maneira possível, é necessário que a mesma, seja bem incentivada ao mundo encantado da leitura, que a leitura se torne para ela um mundo a ser descoberto, a ser conhecido e bem explorado. E que o prazer de ler se torne um hábito a ser praticado no seu dia-a-dia.

“Uma das condições necessárias para que a experiência de ler seja prazerosa é que a leitura satisfaça um propósito, isto é, seja significativa para o leitor. A significação e o interesse caminham juntos” (BACELAR & CUNHA, 2000, p. 49).

A partir do momento que a criança começa a ler coisas que lhe chamam atenção, ela imediatamente sentirá prazer em continuar a ler, tornando-se assim uma leitora ativa.

Na sala de aula, professor e alunos desempenham papéis fundamentais mediante as atividades de leitura. É como afirma Bacelar & Cunha, (2000).

Nas atividades de leitura, o papel do professor será o de favorecer ao aluno oportunidades de interagir com a linguagem escrita, de usá-la de modo significativo tal como o faz com, a linguagem oral; o do aluno será o de descobrir, observar, categorizar, compreender, construir, pois somente elaborando hipóteses, testando-as nos dados a fim de confirmá-las, rejeitá-las ou modificá-las é que o sujeito constrói novos esquemas interpretativos sobre as funções e o funcionamento da linguagem escrita e se desenvolve como leitor. (BACELAR & CUNHA, 2000, p. 51).

É importante poder ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui de forma decisiva para a autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada.

Na leitura, o leitor é um sujeito ativo que processa o texto e lhe proporciona seus conhecimentos, experiências e esquemas prévios.

Infelizmente, o ensino da leitura ainda é um grande desafio para as escolas nos dias de hoje. Segundo Bacelar & Cunha (2000):

O problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização do que é a leitura, da forma em que é avaliada pelas equipes de professores do papel que ocupa no projeto curricular da escola, dos meios que se arbitram para favorecê-la e, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la. (BACELAR & CUNHA, 2000, p. 64).

A escola deve trabalhar para que o ensino da leitura seja bem desempenhado e bem desenvolvido ao longo das atividades escolares por parte de todo o corpo docente da instituição. Nessa perspectiva, Cagliari (1995); lembra-nos o seguinte:

A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante saber ler do que saber escrever. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura. Se um aluno não se sair muito bem nas outras atividades, mas for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa. Se, porém, outro aluno tiver notas excelentes em tudo, mas não se tornar um bom leitor, sua formação será profundamente defeituosa e ele terá menos chances no futuro do que aquele que, apesar das reprovações, se tornou um bom leitor. (CAGLIARI, 1995, p. 148).

As práticas de leitura se realizam sobre diferentes tipos de objetos: uns são portadores de textos e outros são suportes específicos do texto escrito.

### **1.3 As diferentes funções que a leitura desempenha no meio social**

É importante ressaltar que a leitura desempenha diferentes funções em nosso meio social. É como afirma Teberosky e Colomer (2003, p. 20): “A leitura de histórias tem uma função lúdica; a leitura de cartazes, de etiquetas comerciais e de jornais tem funções de identificação e de informação, a leitura de instruções, tais como as receitas de cozinha, tem a função de orientar a ação”.

Ainda com relação à leitura Teberosky e Colomer (2003) afirmam que:

Numerosos estudos têm mostrado que ao compartilhar a leitura de um livro com as crianças pré-escolares não apenas se cria uma atividade prazerosa, mas também se

organiza um importante momento de aprendizagem. (TEBEROSKY E COLOMER, 2003 p. 20).

Com essa atividade, as crianças aprendem que a linguagem dos livros tem suas próprias convenções, e que as palavras podem criar mundos imaginários para além do aqui e agora.

O professor ao ler em voz alta estimula a capacidade de raciocínio das crianças, fazendo com que as mesmas criem mentalmente as suas próprias histórias; segundo Teberosky e Colomer (2003, p. 126); “Quando o professor realiza a leitura em voz alta, a criança aprende a participar como audiência, porque escutar ler não é algo passivo”.

É necessário que o professor utilize os mais variados tipos de textos para que os alunos conheçam desde cedo os vários tipos de leitura que são utilizados em nosso meio social. Teberosky e Colomer (2003) afirmam que:

Para se obter uma leitura interativa, o professor não precisa transformar a leitura monológica do texto em um diálogo cotidiano. Ao contrário, deve tentar fazer com que as crianças “entrem” no mundo do texto, que participem da leitura de muitas maneiras: olhando as imagens enquanto o professor lê o texto, aprendendo a reproduzir as respostas verbais, imitando o escutado anteriormente, memorizando histórias, incorporando traços lingüísticos dos discursos escritos. Ao escutar a leitura, as crianças aprendem que a linguagem escrita pode ser reproduzida, repetida, citada e comentada (TEBEROSKY E COLOMER, 2003, p. 127).

Interagir com textos escritos, através da mediação do adulto que lê em voz alta, é um processo de aprendizagem novo para a criança, é adentrar-se em território desconhecido para explorar novas formas de linguagem.

É importante que o professor prepare bem o ambiente escolar, para que os alunos se sintam bem acomodados e incentivados à prática da leitura; nessa perspectiva, Teberosky e Colomer (2003) nos lembra o seguinte:

Prover o espaço das crianças com histórias, poemas ou livros informativos é uma condição essencial para favorecer o acesso à língua escrita e para motivar o desejo de aprender a ler. O espaço da sala de aula deve refletir essa imersão introduzida no mundo da escrita, sendo atrativo e bem organizado, para que os alunos possam movimentar-se com segurança. (TEBEROSKY E COLOMER, 2003, p. 145).

É com provável que quanto mais acesso a criança tenha com livros, revistas, jornais ou outros textos, mais facilitarão a sua aprendizagem tanto na língua escrita quanto na língua falada.

É importante “os alunos lêem obras de autores brasileiros ou não, que de certa forma dão conta dos sentimentos e das atitudes que a escola pretende consolidar nas crianças: a generosidade, o otimismo, o espírito de renúncia, a piedade, a obediência, etc.” (GERALDI, 2005, p. 84).

Ao tratar as questões acima citadas à escola contribuirá na formação de estudantes leitores comprometidos com todos os aspectos sociais que fazem parte de uma sociedade solidária, uma sociedade em que todos que a compõem exercem gradativamente os seus papéis de cidadãos com o máximo de desempenho possível.

O professor deve saber selecionar bem as obras literárias, obras essas necessárias na formação de todos os estudantes que integram o âmbito escolar. Nessa perspectiva, Geraldi (2005) nos lembra o seguinte:

A seleção pelo professor das obras de literatura infanto-juvenil, vem da psicologia, na forma de critérios de adequabilidade, interesse e motivação para a leitura. É comum ouvir dos professores que tal texto é muito pesado, impróprio ou simplesmente difícil para essa ou aquela série, mas adequado para a faixa etária da série seguinte, pelo assunto de que trata, pelos recursos que utiliza ou ainda pelo interesse que pode despertar. (GERALDI, 2005, p.86).

O professor deve ajudar o aluno nas atividades, principalmente nas atividades de leitura, fazendo com que o aluno conheça ou reconheça as palavras-chaves do texto, para que quando as encontrar, o mesmo seja capaz de decifrar rapidamente ou instantaneamente o significado do texto, fazendo assim a sua completa compreensão.

#### **1.4 O papel do professor nas atividades de leitura**

O professor deve ter o cuidado de não controlar as leituras dos alunos, especificando quais as que podem ser lidas e as que não podem. O autor ainda complementa:

Os professores cuidando da adequação acreditam poder seriar e graduar os problemas, as realidades, as fantasias e a leitura dos alunos - tudo do mais simples para o mais complexo. Como se as crianças interrompessem sua experiência de vida, simples e complexa ao mesmo tempo, de dez e de quarenta anos, e uma vez alunos passassem a vivê-la pedagogicamente, de acordo com a série e a faixa de idade. Acreditam que pela observância desses critérios conseguem assegurar de ante mão o sucesso do livro e a motivação para a leitura, ignorando o fato de que os passos de leitura são idiossincráticos. (GERALDI, 2005, p. 86)

Segundo Geraldi (2005, p. 93) “a leitura é dividida em duas formas, a primeira forma a leitura é vista como uma busca de informações com roteiro previamente elaborado pelo próprio leitor, e a segunda forma, a leitura é vista como uma busca de informações sem roteiro elaborado”.

Nessa perspectiva, Geraldi (2005, p. 93) afirma que: “no primeiro caso, lê-se o texto para responder questões estabelecidas; no segundo caso, lê-se o texto para verificar que informações ele dá”.

É necessário que todo o ser humano se habitue a prática da leitura, pois todas as vezes que lemos alguma coisa, nos tornamos mais criticamente inteligentes, ficamos mais exigentes, mais conceituados, no que se refere ao aspecto da aprendizagem e do conhecimento.

Conforme Geraldi (2005, p. 94) “Uma ‘leitura-busca de informações’ não precisa ser necessariamente aquela que se faz com textos de jornais, livros científicos, etc. Também com o chamado texto literário essa forma de interlocução é possível”.

É interessante que todas as pessoas se preocupem em adquirir as mais variadas formas de leitura, pois não importa o que lemos, e sim o que adquirimos em termos de experiência, de exemplo a ser seguido, através das mensagens transmitidas pelas leituras que conquistamos no nosso dia-a-dia.

Infelizmente, é preciso reconhecer que a leitura do texto é mais praticada em aulas de outras disciplinas do que nas aulas de língua portuguesa. Diante dessa afirmação, Geraldi (2005) destaca:

Creio que a saída prática do professor de língua portuguesa é criar um circuito entre seus alunos, deixando-os ler livremente, por indicação de colegas, pela curiosidade, pela capa, pelo título, etc. No microcosmo da sala de aula é possível criar esse mesmo circuito, e talvez não sejamos nós, professores, os melhores informantes para nossos alunos. Rodízios de livros entre alunos, bibliotecas de sala de alunos, biblioteca escolar, frequência a bibliotecas públicas são algumas das formas para iniciar esse circuito. (GERALDI, 2005, p. 94).

É preciso que a cada dia, os professores procurem utilizar as melhores metodologias possíveis, para que as suas aulas se tornem um atrativo para os alunos descobrirem o prazer pela leitura, que o professor durante a aula procure cada vez mais incentivar os alunos a entrar no mundo da leitura, da descoberta, do conhecimento e da aprendizagem. E que essa prática de leitura possa ser também apreciada por todo o corpo docente da instituição.

De acordo com Kato (1990), há três tipos de leitores:

Teríamos o tipo que privilegia o processamento descendente, utilizando muito pouco o ascendente. É o leitor que apreende facilmente as idéias gerais e principais do texto, é fluente e veloz, mas por outro lado faz excessos de adivinhações, sem procurar confirmá-las com os dados do texto, através de uma leitura ascendente. É, portanto, o tipo de leitor que faz mais uso do seu conhecimento prévio do que da informação efetivamente dada pelo texto. O segundo tipo de leitor é aquele que se utiliza basicamente do processo ascendente, que constrói o significado com base nos dados do texto, fazendo pouca leitura nas entrelinhas, que aprende detalhes detectando até erros de ortografia, mas que, ao contrário do primeiro tipo, não tira conclusões apressadas. É, porém, vagaroso e pouco fluente e tem dificuldade de sintetizar as idéias do texto por não saber distinguir o que é mais importante do que é meramente ilustrativo ou redundante. O terceiro tipo de leitor, o leitor maduro, é aquele que usa, de forma adequada e no momento apropriado, os dois processos complementarmente. É o leitor para quem a escolha desses processos é já uma estratégia meta cognitiva, isto é, é o leitor que tem um controle consciente e ativo de seu comportamento. (KATO, 1990, p.40).

O importante não é diferenciar os alunos, rotulando-os ou detectando em que tipo de leitores eles se classificam, mas sim continuar sempre incentivando-os para que os mesmos se tornem grandes leitores mediante à nossa sociedade.

A leitura é essencial na vida de todos os indivíduos através dela os seres humanos são capazes de decifrar e apreciar os vários tipos de escritos encontrados ao longo do nosso dia-a-dia. "A leitura deve ser aprendida oralmente e pode preceder o ensino da escrita". (BARBOSA, 1994, p. 107).

É necessário ressaltar que “é fato reconhecido na literatura, que, quanto mais eficiente um leitor, maior seu vocabulário visual”. (KATO, 1990, p. 26).

“A escola não tem levado em conta a existência da escrita diversificada e a evolução das diversas modalidades de leitura. Ao contrário, a escola continua se preocupando exclusivamente com um modelo imutável de leitura, voltada somente à escrita dos livros, à escrita literária”. (BARBOSA, 1994, p. 115).

A leitura está presente nos mais variados lugares e faz parte da vida de todos os seres humanos, sem a prática da leitura, se torna difícil desempenhar algumas funções que são exigidas em todos os ambientes sociais. É por isso e vários outros motivos que o ensino da leitura deve ser bem desempenhado, que sirva para preparar os indivíduos para se sair bem em todos os lugares e em todas as situações que envolva conhecimentos sobre a leitura. É como afirma Barbosa (1994);

É inconcebível imaginar que só se possa ler um cartaz, uma revista, um cardápio depois de se aprender a ler. Na verdade, esta concepção exclui do processo de aprendizagem exatamente as situações para as quais esta aprendizagem é fundamental. Se excluirmos a escrita social da aprendizagem da leitura, como vamos reencontrá-la mais tarde?(BARBOSA, 1994, p. 115).

A escola deve levar em consideração tanto os conhecimentos prévios dos alunos quanto as diversidades de escritas sociais que encontramos em todos os lugares e que fazem parte da nossa vida. Nessa perspectiva, Barbosa (1994) nos lembra o seguinte:

A escrita social, com caracteres e funções diferentes, propicia leituras diversificadas. Não se lê da mesma maneira um folheto de divulgação, uma receita culinária ou um livro de literatura. Lançamos mão de estratégias de leitura diferentes para aprender as informações contidas nos diferentes textos, e o nosso interesse nas informações e o objetivo desejado vai determinar o tipo de leitura a ser feito. Esta flexibilidade de atenção, as várias formas de ler para apreender o sentido dos textos, é fundamental para o homem e sua adaptação ao mundo moderno. (BARBOSA, 1994, p.115).

A leitura, seja ela qual for é importantíssima na vida de qualquer indivíduo, pois através dela passamos a ver o mundo com outros olhos, a ter uma opinião própria sobre os assuntos que acontecem ao nosso redor e na nossa vida.

## 2º Capítulo - Uma análise dos processos de leitura na escola.

### 2.1 - O papel do leitor diante dos vários tipos de leitura.

Um leitor, ao entrar em contato com o texto, constrói uma hipótese sobre o que vai encontrar na leitura deste. Um leitor não é completamente ignorante sobre o que irá ler. A leitura pressupõe a elaboração de um saber prévio, que fornece os dados para o leitor levantar hipóteses sobre o que vai ler. Segundo Kato (1990);

Para um leitor iniciante, porém, cujo vocabulário visual ainda é muito limitado - mesmo para aqueles alfabetizados pelo método global -, o processo de leitura envolve muito pouco reconhecimento visual instantâneo, consistindo a leitura, mais frequentemente, em operações de análise e síntese, sendo a apreensão do significado mediada quase sempre pela decodificação em palavras auditivamente familiares. Uma palavra pode ser reconhecida instantaneamente por um leitor em virtude de fazer parte de seu léxico visual (KATO, 1990, p.26).

De acordo com Barbosa (1994) a leitura se apóia, em duas fontes de informações bem diferentes:

Uma é a fornecida pelo autor, que chamamos de formação visual. É a informação que desaparece quando desligamos a luz ou nos afastamos do texto. A outra fonte de informação encontra-se no cérebro do leitor, que fornece informações não-visuais, disponíveis e presentes mesmo quando os olhos estão fechados ou a luz apagada. O leitor pode lançar mão predominantemente de um ou de outro tipo. Quanto mais utiliza uma informação não-visual, das que tem disponíveis em sua estrutura cognitiva, menos ele necessita de informação visual, o que está na página impressa. Por outro lado, a leitura se torna um ato difícil se o leitor tiver de se apoiar somente na informação visual, sem o suporte das informações não-visuais. Nesse caso, o leitor está incapacitado para a antecipação do significado do texto. (BARBOSA, 1994, p.116).

O saber prévio é fundamental no ato de ler. Principalmente quando a leitura se torna um ato voluntário, determinado pelas preocupações e por um saber prévio, quando o leitor utiliza todos os recursos visuais e não-visuais, no diálogo entre o que está diante e atrás dos olhos, então a leitura torna-se um meio de comunicação de eficácia notável. Ler é uma das formas de comunicação mais importante que dispomos em nosso meio social.

É notável a importância que o professor representa no processo de aquisição da aprendizagem por parte dos educandos, pois, a partir do momento que o professor utiliza textos diversificados e



logo em seguida faz indagações à respeito do texto trabalhado aos alunos, faz com que a aprendizagem se torne significativa para os aprendizes.

Para chamar e prender a atenção dos alunos os professores devem utilizar textos atrativos, ou seja, textos interessantes, textos sobre assuntos de que os alunos gostem que apresente importância para os mesmos. É como nos afirma Barbosa (1994);

Se o assunto é pouco familiar ao leitor, a leitura se torna lenta, dificultando a compreensão. Isto ocorre porque o leitor tem de buscar no texto que está lendo grande número de informações, acumulando tal volume de dados (visuais) que esbarra nos limites da capacidade de sua memória (BARBOSA, 1994, p.119).

A criança deve desde cedo procurar a ter todo contato possível com a leitura, através dos vários tipos de materiais que beneficiam a leitura, como por exemplo: livro, revistas, enciclopédias, listas telefônicas, listas de supermercados, etc. Assim fará com que a mesma vá praticando a leitura, pois quanto mais praticamos a leitura, mais nos tornaremos leitores ativos em nosso meio cultural - social. É como nos lembra Barbosa (1994, p. 119) “não se ensina à criança o que é ler, porque a leitura não é um saber, mas sim uma prática. Portanto, é lendo que a criança aprende a ler. Tentar ensinar uma criança a ler é, além de inócuo, privá-la de ensinar a si próprio a ler”.

O ensino de leitura segue a prática escolar, tanto do professor, como a única leitura correta, autorizada. Essa orientação fica evidente na divisão que o livro didático faz entre “Perguntas de compreensão” que, na maior parte são perguntas sobre informação que aparece explicitamente no texto, e a “resposta pessoal”, que parece ser o único momento, também controlado pelo autor do livro didático ou pelo professor, em que se prevê que o aluno chegue a uma opinião própria, isto é, se coloque como sujeito da leitura. (KLEIMAN, 1998, p. 49).

O ensino baseado na repetição das respostas dos autores, não influencia na aprendizagem dos alunos, pois, para que a aprendizagem seja almejada, os professores e os autores de livros didáticos devem ceder o espaço para que os alunos possam expressar suas idéias e os seus pensamentos sobre os textos estudados. A partir do momento que o aluno introduzir uma opinião sobre o texto em discussão comprovará nitidamente que o mesmo conseguiu entender o significado, a mensagem, a transmissão do texto.

Segundo Barbosa (1994) para que haja êxito na atividade de leitura, o leitor deve mobilizar três habilidades indissociáveis:

A verificação, a antecipação e a identificação. A primeira permite ao leitor certificar-se, através do sistema estruturado de palavras que compõe um texto escrito, sobre a antecipação do sentido que por ele foi previsto. Alguns fatores podem facilitar a antecipação, tornando a leitura uma tarefa mais fácil para o leitor: a experiência com textos escritos, a familiaridade com o assunto tratado no texto, as experiências de vida do leitor, a disponibilidade para arriscar uma hipótese sobre o significado do texto e o conhecimento prévio dos suportes materiais da escrita. São fatores que não estão no texto que o leitor está lendo, mas que fazem parte de suas concepções sobre textos escritos e seus usos. São, portanto, informações não-visuais, porque não provêm da leitura daquele texto específico, mas da estrutura cognitiva do leitor. Assim, enquanto a antecipação se compõe das informações não-visuais que o leitor traz para o texto, a verificação é concretizada através das informações visuais que ele capta do texto. (BARBOSA, 1994, p.118).

O aluno deve estar sempre procurando se informar sobre os assuntos da atualidade, para que nas aulas ele possa fazer indagações, perguntas ao professor sobre os assuntos que estão expostos na sociedade, esta também é uma maneira de um bom educando se expressar, fazendo assim uma leitura prévia dos acontecimentos que ocorrem no país e no mundo.

O professor é essencial no processo de aquisição da leitura dos alunos. E para que essa aquisição da leitura ocorra com sucesso é necessário que “O professor incorpore a atividade de leitura em voz alta dentro de sua programação diária, que prepare um lugar confortável e agradável na sala de aula, etc.”. (TEBEROSKY E COLOMER, 2003, p. 118).

É necessário destacar que uma criança que aprende a ler no início do processo de alfabetização desenvolve com mais facilidade o seu aprendizado em relação a todos os tipos e formas de leitura. Já o aluno que não lê aprenderá com dificuldade tanto o processo de leitura como o processo de escrita, não entendendo muito bem o que está exposto e muito menos como agir para desmembrar o processo de funcionamento dos objetivos que precede o ato de ler e escrever.

## **2.2- Os vários tipos de leitura**

É importante ressaltar que existem várias formas e vários tipos de leitura. Uma leitura pode ser ouvida, vista ou falada. É como afirma Cagliari (1995);

Um texto escrito pode ser decifrado e decodificado por alguém que traduz o escrito numa realização de fala. Esse tipo de leitura ocorre mais comumente nos primeiros anos de escola, no trabalho de certos profissionais, e em raras situações para a maioria das pessoas. Em geral não lemos em voz alta fora da escola. E, quando algumas pessoas são solicitadas a ler, envergonha-se, dão desculpas dizendo que não sabem ler direito etc. Isso porque a leitura oral, falada, é vista, em geral, devido aos preconceitos lingüísticos da sociedade, como devendo ser a realização plena do dialeto-padrão no seu nível mais formal. Essa expectativa, associada ao fato de as pessoas saberem que em sua fala e leitura particular dizem as palavras com características dialetais que são mal vistas pelo dialeto-padrão, as inibem ao lerem, não porque não saibam ler, mas porque têm vergonha do próprio dialeto, um preconceito que a escola nunca desfêz, ao contrário, sempre incentivou (CAGLIARI, 1995, p.155).

A escola como instituição formadora de opiniões deve saber trabalhar bem o preconceito dos dialetos, ou seja, o preconceito ainda muito existente nos dias de hoje que é o preconceito sobre o modo de falar das pessoas, o chamado linguajar popular. Trabalhando bem esse tipo de preconceito, a escola poderá contribuir na diminuição do mesmo, tanto no dia-a-dia do âmbito escolar, quanto fora dele, isto é, na sociedade em geral.

Para desenvolver um processo de leitura significativa na sala de aula, o professor deve atuar com o máximo de entusiasmo e habilidade possível. De acordo com essa perspectiva Teberosky e Colomer (2003) sugere aos professores algumas dicas para uma melhor atuação em sala de aula, entre elas destacam-se:

Incorporar a leitura em voz alta no calendário semanal; incluir a leitura como parte das rotinas escolares, de modo que as crianças saibam onde se sentar, o que fazer, como se comportar e em que momento vai acontecer a leitura, preparar um lugar confortável e alegre na sala de aula; escolher as histórias segundo critérios de extensão, ritmo, nível de vocabulário e de conceitos; repetir as leituras de um mesmo livro: a repetição facilita a compreensão, a memorização de palavras e a reconstrução da história pela criança. Envolver as crianças em perguntas e discussões, promover as condutas de simulação de leitura, propor a reescrita de textos-modelo, promover a possibilidade de escolha de livros, para que as crianças desenvolvam suas preferências e colocar os livros ao alcance da criança, deixando-os na estante ao alcance da visão e não em um canto escondido. (TEBEROSKY E COLOMER, 2003, p.120).

Desenvolvendo as atitudes a cima citadas, o processo de leitura terá uma significância maior para os alunos e o professor terá mais facilidade no processo de ensino-aprendizagem.

A leitura oral é feita não somente por quem lê, mas pode ser dirigida a outras pessoas, que também "lêem" o texto ouvindo-o. Os primeiros contatos das crianças com a leitura

ocorrem desse modo. Os adultos lêem histórias para elas. Ouvir histórias é uma forma de ler. A diferença entre ouvir a fala e ouvir a leitura está em que a fala é produzida espontaneamente, ao passo que a leitura é baseada num texto escrito, que tem características próprias diferentes da fala espontânea. (CAGLIARI, 1995, p. 155).

Uma criança que é muito exposta a manifestações orais tem grandes vantagens na escola sobre aquelas crianças que não têm a mesma chance na vida. Ouvir uma leitura equivale a ler com os olhos, a única diferença reside no canal pelo qual a leitura é conduzida do texto ao cérebro.

Os pais devem estimular as crianças a participarem de grupos de leitura, já que através da leitura compartilhada as crianças desenvolvem estratégias de interação, desde apenas o comentário das ilustrações até sucessivas leituras do texto, com comentários sobre as imagens, para logo chegar a complexas discussões sobre inferências a partir do texto.

### **2.3- A formação do professor como fator determinante no processo de ensino-aprendizagem**

O professor deve estar sempre preocupado com a sua formação, deve estar sempre procurando novas informações e está sempre aberto a novas formas de conhecimento. É como afirma Teberosky e Colomer (2003, p. 170); “A leitura e a interpretação oral devem fazer parte, pois, da profissão de um docente”.

A leitura deve sempre ser uma habilidade para o professor que almeja a formação de alunos leitores. Diante desse aspecto Teberosky e Colomer(2003), sugere algumas dicas que devem fazer parte do cotidiano de um educador, as quais se destacam as seguintes:

Ler habitualmente histórias para si próprio, para poder selecionar a melhor em cada ocasião, aprender várias histórias que o agrade, memorizá-las, seqüenciá-las, etc.; escrever um roteiro dos argumentos em um “caderno do narrador”, com anotações sobre a interpretação das histórias que as crianças pedem mais seguido; colocar o auditório em semicírculo, sentados no chão (TEBEROSKY E COLOMER, 2003, p.170).

Ao desenvolver essas atitudes, o professor será considerado um grande educador, um incentivador de estudantes leitores, pois o que precisamos na escola e na sala de aula é de professores engajados e preocupados com o ensino da leitura, já que o mesmo é considerado como um grande desafio a ser enfrentado em todas as escolas de todo o país.

Não são somente os professores que são os responsáveis pelo sucesso da criança no processo de aquisição da leitura, mas todos aqueles que fazem parte do meio em que a criança vive.

A leitura visual silenciosa é muito mais comum entre as pessoas. Sua importância para a vida da maioria delas é muito maior que a dos outros tipos de leitura. A leitura visual tem grandes vantagens sobre os outros tipos de leitura. Não só não inibe o leitor por questões linguísticas, como permite ainda uma velocidade de leitura maior, podendo ele parar onde quiser e recuperar passagens já lidas, o que a leitura oral de um texto não costuma permitir. (CAGLIARI, 1995, p. 156).

Convém sublinhar que a leitura visual representa uma grande conquista para todas as pessoas que a consegue realizá-la; pois, se trata de uma leitura silenciosa, individual, uma leitura prazerosa para quem a pratica; já que a mesma é considerada uma leitura que favorece mais a reflexão sobre o texto.

O ambiente escolar deve favorecer aos educandos a possibilidade de acesso a todos os tipos de leitura, para que eles desde cedo saibam como agir ao deparar com as variações e os diversos tipos de leitura. Em contradição ao exposto Cagliari (1995, p. 156), ressalta que “na escola se ensina mais comumente aos alunos o uso da leitura visual silenciosa, individual para a reflexão, que o da leitura oral pública”.

A escola comete uma injustiça com as crianças não levando em conta as dificuldades, muito real e séria, que é a decifração na leitura. Está errado dizer que a leitura não é a decifração da escrita, exigindo-se da criança que aprenda a ler desempenhando atividades que só o leitor treinado e habilidoso domina. As crianças precisam de um tempo de decifração, que varia de acordo com cada uma. (CAGLIARI, 1995, p. 159).

As crianças precisam de tempo para decifrar a escrita. Cada criança tem um ritmo próprio que precisa ser respeitado por todos aqueles que fazem parte do processo ensino-aprendizagem.

É importante ressaltar que as crianças apresentam inúmeras dificuldades para realizar uma leitura fluente, ou seja, uma leitura considerada ideal a ser realizada de acordo com o exigido. Além das mesmas apresentarem também dificuldades com relação ao conteúdo da escrita. Com isso, as crianças devem ser estimuladas a todo o momento por todas as pessoas que fazem parte do seu meio, para que sejam sempre otimistas no processo de aquisição da leitura e da aprendizagem.

Os profissionais da leitura, como locutores e atores de teatro e televisão, antes de ler ou representar ensaiam como vão dizer o texto, estudam-no, tentam várias interpretações para obter o melhor resultado. Por que não deixar, na escola, o aluno preparar suas leituras? Por que não ensinar a ele como preparar uma boa leitura? A escola às vezes tem hábitos estranhos de surpreender os alunos, como se eles fossem máquinas sempre prontas a realizar a própria tarefa. Um aluno não lê como um gravador reproduz uma fita. A preparação para a leitura em voz alta é indispensável. (CAGLIARI, 1995, p. 161).

A escola e os professores que fazem parte da mesma devem estar sempre procurando novas maneiras de fazer do processo de ensino da leitura, um obstáculo a ser desfeito a cada dia, um sucesso a ser conquistado dia após dia.

O professor exerce um papel indispensável na aprendizagem e na concepção da leitura por parte de seus alunos. De acordo com essa perspectiva, Barbosa (1994) destaca que:

O professor deixa de ser um mero transmissor de conteúdos e técnicas e assume o papel de orientador, de facilitador da aprendizagem. Para isto, ele necessita, de um lado, aprofundar-se no conteúdo referente às questões de leitura e, de outro, ter um bom conhecimento das crianças que lhe são confiadas, uma atitude positiva e atenta frente aos alunos, uma sensibilidade pelos interesses e possibilidades de cada um. Tem também de conhecer a realidade social do país e as questões do acesso aos bens culturais produzidos no passado e no presente. Somente o professor pode intuir o que convém fazer num determinado momento para ajudar o aluno a aprender a ler (BARBOSA, 1994, p.187).

Convém destacar que a partir do momento em que a criança é colocada numa situação de leitura, ela inicia imediatamente o desenvolvimento da aprendizagem, com isso ela irá progredindo a cada dia, desde que a mesma conviva diretamente com as mais variadas escritas sociais, já que o convívio com os diversos tipos de leitura é que possibilitará uma melhor aquisição e apreciação da leitura. O professor a cada dia deve rever a sua metodologia utilizada principalmente na aula de leitura. É como afirma Barbosa (1994);

Se a questão da leitura é mobilizadora e de interesse para o professor, seu próprio comportamento de leitor, as estratégias utilizadas por ele, as dificuldades que encontra irão sendo revistas. Nesse processo, observando as hipóteses e estratégias desenvolvidas pelas crianças, ele poderá fazer descobertas que melhorem seu próprio desempenho de leitor e alterem o processo de ensinar a ler. Em sua prática cotidiana, o professor deve assegurar demonstrações adequadas de leitura às crianças, situações essas que sirvam a objetivos específicos, nas quais seus alunos possam encontrar sentido, e ajudem também as próprias crianças a encontrarem seus objetivos com a leitura (BARBOSA, 1994, p.138).

## 2.4- As dificuldades que as crianças encontram nas atividades de leitura

É importante considerara que “Há crianças que têm dificuldades na aprendizagem da leitura. Há também casos de crianças ‘brilhantes’ que não conseguem aprender a ler”. (BARBOSA, 1994, p. 140).

É necessário que o professor fique atento para os diversos casos que surgem no decorrer do processo ensino-aprendizagem, principalmente nas questões referentes à leitura. Barbosa (1994) reforça que:

Uma criança não aprenderá a ler se ela não tem interesse ou não vê significado no ato de ler, se criou hostilidade pelo professor, pela escola ou pelo grupo social que ambos representam, se acredita se esta seja uma aprendizagem muito difícil. Pode ser também que ela tenha uma idéia falsa sobre a natureza da leitura, isto é, se aprendeu (ou nós indiretamente a ensinamos) que a leitura não tem sentido, é algo maçante e só serve para ganhar boas notas. (BARBOSA, 1994, p.140).

O desafio do professor é encontrar as razões da dificuldade e a forma de intervir para que os alunos encontrem prazer em ler; e fazer da leitura um hábito agradável tanto na sala de aula, como fora, no meio social. Assim o aluno ao ler irá saber que a leitura não é importante somente para tirar boas notas, mas que é indispensável e necessária para toda a vida.

Para que uma pessoa possa se envolver em uma atividade de leitura, é necessário que sinta que é capaz de ler, de compreender o texto que tem em mãos, tanto de forma autônoma como contando com a ajuda de outros mais experientes que atuam como um suporte e recurso. (BACELAR & CUNHA, 2000, p. 73).

Para que uma criança sinta que é capaz de aprender e adquirir o hábito da leitura, é necessário que a mesma possa contar com o apoio e o incentivo de todas as pessoas que estão à sua volta, principalmente os pais e professores.

Segundo Kleiman (1998, p. 50) as estratégias de leitura, utilizadas pelo o leitor no processo de aquisição do aprendizado da leitura, são classificadas em duas: estratégias cognitivas e estratégias meta cognitivas.

As estratégias meta cognitivas da leitura são, primeiro, auto avaliar constantemente a própria compreensão, e segundo, determinar um objetivo para a leitura, devemos entender que o leitor que tem controle consciente sobre essas duas operações saberá dizer quando ele não está entendendo o texto e saberá dizer para que ele está lendo o texto. As atividades em que o leitor poderá se engajar quando ele não entender o texto são diversificadas e flexíveis, e constituem o indicio do funcionamento de uma estratégia para conseguir mais eficiência na leitura. Se o leitor perceber que não está entendendo, ele poderá voltar para trás e reler, ou poderá fazer um resumo do que leu, ou procurar um exemplo de um conceito. Enfim, dependendo do que ele detectar como causa, ele adotará diversas medidas para resolver o problema. As estratégias cognitivas da leitura seriam aquelas operações inconscientes do leitor, no sentido de não ter chegado ainda ao nível consciente, que ele realiza para atingir algum objetivo de leitura. O faturamento sintático é uma operação necessária para a leitura, que o leitor realiza, ou não, rápida ou cuidadosamente, isto é, de diversas maneiras, dependendo das necessidades momentâneas, e que provavelmente não poderá descrever. (KLEIMAN, 1998, p. 50).

É importante que “a criança progrida na leitura e que encontre prazer - e sentido - nos múltiplos contatos com a língua escrita. Professores e crianças, nesse sentido, podem ser verdadeiros parceiros para compreender o que é o ato de ler”. (BARBOSA, 1994, p. 142).

O que importa no ensino-aprendizagem da leitura é que todos que fazem parte desse processo sejam capazes de fazer da leitura um hábito constante, e que veja a leitura como uma conquista pessoal e profissional. E que a atividade de leitura seja prazerosa para todas as pessoas que a pratica. É como afirma Bacelar & Cunha (2000):

A atividade de leitura será motivadora para alguém se o conteúdo estiver ligado aos interesses da pessoa que ler e, naturalmente, se a tarefa em si corresponde a um objetivo. Em uma classe por ser muito difícil contentar os interesses de todas as crianças com relação à leitura fazê-los coincidir com os do professor, que supostamente interpreta as prescrições das propostas curriculares. Entretanto, todas as escolas contam com atividades de biblioteca ou de leitura “livre”, em que é possível que os interesses do leitor tenha primazia sobre outros parâmetros. (BACELAR & CUNHA, 2000, p.74).

O professor deve criar em sua sala de aula situações nas quais promova nos seus alunos o interesse por leituras diversificadas. Nessa perspectiva Bacelar & Cunha (2000) afirma que:

Não devemos esquecer que o interesse também se cria, se suscita e se educa e que em diversas ocasiões ele depende do entusiasmo e da apresentação que o professor faz de uma determinada leitura e das possibilidades que seja capaz de explorar. Neste ponto cabe ressaltar que uma seqüência rotineira de leitura, pela sua falta de novidade, pode resultar pouco motivadora para as crianças, especialmente se ela se transformar em uma seqüência única. Também convém levar em conta que a leitura “de verdade”, aquela que realizamos, os leitores experientes e que nos motiva, é a leitura na qual nós mesmos mandamos: relendo, parando para saboreá-la ou para refletir sobre ela, pulando



parágrafos... Uma leitura íntima, e por isso, individual (BACELAR & CUNHA, 2000, p.75).

Para que o ensino da leitura não se torne uma situação de rotina em sala de aula;

O professor deve variar os materiais e as atividades de leitura, criando a cada dia situações novas, atraentes, afirmando o uso social da escrita, evitando o tradicional e não significativo uso escolar da escrita - os textos decifratórios, as cópias e ditados sem objetivo ou sentido para as crianças. (BARBOSA, 1994, p. 140).

O professor além de dispor de muitos materiais diversificados, deve também saber bem utilizá-los; pois, o que a criança deseja é que a atividade desenvolvida em sala de aula lhe traga algum prazer e satisfação.

O ensino da leitura é um processo que deve ser praticado durante toda a vida escolar, e não somente, no processo de alfabetização. Segundo Bacelar & Cunha (2000);

O trabalho de leitura deve ser estendido ao longo de toda a escolaridade, pois existem motivos para isso. Por outro lado, existe um hiato considerável entre o que se ensina na escola sobre a leitura e as necessidades que devem ser satisfeitas mediante ela, inclusive na própria escola: ler para aprender, os recursos do ensino devem fazer dos alunos bons leitores, que sintam prazer e gosto pela leitura e, se possível, que se apaixonem por ela. Esses leitores aprenderão lendo, enquanto desfrutam sua tarefa. (BACELAR & CUNHA, 2000, p.54).

O professor deve traçar uma meta a ser alcançada durante o ensino-aprendizagem da leitura, já que o desafio maior é fazer com que os alunos gostem de ler; fazendo das atividades de leitura algo prazeroso de realizar.

## **2.5- A importância de uma biblioteca no âmbito educacional**

É importante que o âmbito escolar disponha de uma biblioteca, a qual seja disponível para todos os alunos, já que a mesma é considerada um recurso de grande eficácia no processo de aquisição da leitura. Nessa perspectiva Teberosky e Colomer (2003), afirma que:

Os livros da biblioteca darão às crianças a medida do que podem esperar da leitura. É necessário, pois, construir um acervo de livros que funcione como um referente coletivo e permitir-se, ao mesmo tempo, com uma margem mais ou menos ampla, a novidade e a

experimentação, mantendo sempre ativos aqueles livros que satisfazem plenamente as necessidades literárias das crianças que têm somente uma vez idade para lê-los "como crianças". (TEBEROSKY E COLOMER, 2003, p.140).

É indispensável que o professor faça um levantamento das dificuldades dos alunos, principalmente às dificuldades que os mesmos apresentam mediante as atividades de leitura. É preciso deixar os alunos escreverem e lerem textos livres, espontâneos, inclusive deixar eles contarem histórias como quiserem. É nesse tipo de material que podemos encontrar os elementos que mostram as reais dificuldades e facilidades dos alunos no aprendizado da leitura.

A criança precisa de todo tempo necessário para decifrar e analisar a escrita; pois, a partir dessa análise é que as mesmas poderão iniciar o processo de leitura; já que o processo de leitura só é realizado com total sucesso depois que a criança decifra os códigos escritos. De acordo com essa expectativa Cagliari (1995) afirma que:

A escola exige que o aluno leia num tempo muito curto, dificultando seu aprendizado e por vezes causando traumas profundos, sobretudo quando o aluno, além das dificuldades fonéticas de produção da fala lida, tem de usar uma pronúncia distante de sua fala, como se estivesse lendo numa língua estrangeira. (CAGLIARI, 1995, p.165).

A escola e os professores que fazem parte da mesma devem trabalhar em conjunto para que os objetivos almejados durante o percurso escolar sejam obtidos por todos aqueles que acreditam que somente a educação poderá mudar o futuro das pessoas e através dela poderão realizar os seus sonhos.

A escola deve respeitar a variedade lingüística comum em todo ambiente escolar, já que os alunos que a freqüentam são oriundos de vários lugares, e esse problema deve ser encarado com respeito e muita responsabilidade. É como afirma Cagliari (1995);

A escola deve dar chance ao aluno de ler segundo sua variedade de língua e não obrigá-lo logo na primeira leitura a ler no dialeto da escola. Mas, à medida que o aluno vai estendendo o seu treinamento, a leitura pode ser um momento interessante para que ele possa aprender a realização do dialeto da escola. Porém, ler, principalmente nos primeiros anos da escola, me parece uma atividade tão importante quanto a produção espontânea de textos, ou talvez mais importante. No mundo em que vivemos é muito mais importante ler do que escrever. (CAGLIARI, 1995, p.167).

Cagliari (1995) afirma que tanto na escola como até mesmo na vida das pessoas há alguns vícios de leitura, o qual destaca que:

Alguns indivíduos só conseguem entender um texto se lerem em voz alta; outros, ao contrário, só se lerem em silêncio; alguns lêem silabando ou palavra por palavra; há os que, quando lêem, precisam “mastigar os sons” e ficam mimificando à medida que lêem. Há ainda as pessoas que só conseguem compreender um texto respondendo a perguntas a respeito dele, porque foram treinados pela escola a responder a um questionário de interpretação de texto após cada leitura e julgam que essa é a única maneira de compreenderem o que lêem. A leitura deve variar de acordo com o texto. Não se lê uma poesia como se lê um problema de matemática ou uma narrativa. A reflexão que o primeiro tipo de leitura exige é diferente da que exigem o segundo e o terceiro. É preciso ensinar às crianças como proceder em cada caso, mostrando-lhes como ler provas, exames, questionários, formulários, instruções, jornais, revistas, etc. (CAGLIARI, 1995, p.172).

É importante destacar que o ato de ler é uma conquista de todo indivíduo que submete a realizar os vários tipos de leitura. De acordo com o que foi exposto Bacelar & Cunha (2000) afirma que:

O ato de ler é simplesmente o ato de compreender e que compreender é sobretudo um processo de construção de significados sobre o texto que pretendemos compreender. É um processo que envolve ativamente o leitor, à medida que a compreensão que realiza não deriva da recitação do conteúdo em questão. Por isso, é imprescindível o leitor encontrar sentido no fato de efetuar o esforço cognitivo que pressupõe a leitura, e para isso tem de conhecer o que vai ler e para que fará isso; também deve dispor de recursos. Conhecimento prévio relevante, confiança nas próprias possibilidades como leitor, disponibilidade de ajudas necessárias etc. - que permitam abordar a tarefa com garantias de êxito; exige também que ele se sinta motivado e que seu interesse seja mantido ao longo da leitura. Quando essas condições se encontram presentes em algum grau, e se o texto o permitir, podemos afirmar que também em algum grau, o leitor poderia compreendê-lo. (BACELAR & CUNHA, 2000, p.76).

É necessário que os profissionais da educação pensem e repensem sobre o valor e o prestígio que a leitura desempenha no processo de aprendizagem dos alunos, já que no mundo em que vivemos é muito mais importante ler do que escrever. A leitura é importante, sobretudo para as pessoas que vivem nas cidades, as quais precisam saber ler placas de ônibus, números, nomes, etiquetas, documentos, etc.; para que não sejam enganados ou prejudicados por não saberem o significado das palavras que estão a sua volta.

A escola deve refletir os pensamentos de uma criança quando a mesma faz comparações sobre as leituras desenvolvidas e realizadas em casa, as leituras de revistas e livrinho infantis, com a leitura que a escola obriga a criança a fazer. Nessa perspectiva Cagliari (1995) destaca que:

A maneira como a escola costuma introduzir os alunos na leitura, através do bê-á-bá, isto é, através das famílias silábicas, pode acarretar problemas sérios para a formação do leitor. O reconhecimento de famílias silábicas, como o próprio reconhecimento das letras, faz parte do processo de decifração e não é a leitura propriamente dita. É apenas um estágio inicial da leitura. Como esse processo apresenta dificuldades sérias ao leitor iniciante, é preciso dar o tempo suficiente para que ele prepare a sua leitura vencendo essas dificuldades. Se a escola insistir muito nisso, o aluno pode se tornar um leitor que lê silabando ou, quando muito, um leitor de palavra por palavra, o que não é correto. É preciso que o leitor diga o que lê (leu) como se ele fosse o autor daquilo que está lendo, quando lê em voz alta. Para ler não é preciso que a criança conheça todas as palavras do texto. Deixá-la ler, levando-a a refletir sobre as estratégias de leitura e o conteúdo do texto, é fundamental. (CAGLIARI, 1995, p.169).

Sabemos que a atividade de leitura é muito importante para todos nós, mas infelizmente alguns professores não fazem do processo de ensino-aprendizagem da leitura, o processo mais importante a ser desenvolvido em sala de aula. Nesse aspecto Bacelar & Cunha (2000) afirma que:

A prática de sala de aula, não apenas de aula de leitura, não propicia a interação entre professor e alunos. Em vez de um discurso que é construído conjuntamente por professor e alunos, temos primeiro uma leitura silenciosa ou em voz alta do texto, e depois, uma série de pontos a serem discutidos, por meio de perguntas sobre o texto, que não leva conta se o aluno de fato o compreendeu. Trata-se, na maioria dos casos, de um monólogo do professor para os alunos escutarem. Nesse monólogo o professor tipicamente transmite para os alunos uma versão e passa a ser a versão autorizada do texto. (BACELAR & CUNHA, 2000, p.93).

## **2.6- A relação educador-educando como ponto essencial no desenvolvimento da leitura**

Os educadores e os educandos devem ver na leitura a possibilidade de superação dos obstáculos que surgem durante o processo escolar. Pois, a partir do momento que a leitura torna-se a principal meta almejada em sala de aula tanto pelos professores como pelos alunos, essa meta será atingida, pois o principal no processo ensino-aprendizagem é que os alunos atinjam com sucesso a aquisição da leitura, fazendo com que os mesmos além de quererem ler para produzir seus conhecimentos escolares, leiam também pelo prazer que a leitura oferece para todos que a praticam.

A leitura oferece elementos relevantes, ou seja, elementos indispensáveis para que as pessoas encontrem significado no texto em que está lendo, já que toda leitura tem uma intenção, umas

servem para informar, outras para persuadir e também têm aquelas que nos influencia a desenvolver atitudes inesperadas. Mas felizmente todas são necessárias para podermos desenvolver melhor a nossa mentalidade em função dos nossos conhecimentos.

O ambiente escolar não é o único lugar onde podemos aprender, mas aprendemos em todos os lugares e com todas as pessoas, principalmente com os leitores mais experientes.

Cabe a escola ensinar aos alunos a utilizar adequadamente a linguagem oral nas mais variadas situações, especialmente nas atividades desenvolvidas em sala de aula.

O professor ao elaborar o seu planejamento deve levar em conta às dificuldades que os alunos encontram durante a aprendizagem da leitura. Que o professor e os alunos obtenham êxito durante o processo de ensino-aprendizagem, principalmente nas atividades referentes à leitura.

Os professores devem ensinar os alunos a se expressarem bem oralmente, desenvolvendo assim atividades em sala de aula que estimulem a prática da leitura através de entrevistas, debates, seminários, diálogos, dramatizações, etc.

Para que a escola consiga formar alunos leitores é necessário que a mesma disponha de recursos capazes de estimular o aprendizado da leitura, recursos esses que faça com que os alunos sejam capazes de selecionar adequadamente os livros que lhes servirão de suporte para toda a aprendizagem.

A atividade de leitura deve corresponder às expectativas dos leitores, pois para que haja interesse na leitura é necessário que o texto seja atrativo e prazeroso para quem o lê.

A escola deve estimular os alunos a produzirem textos coerentes, coesos e eficazes, mas a prioridade da escola deve ser sempre a de formar alunos leitores, capazes de decodificar e decifrar os vários tipos de escritas sociais que existem no nosso meio, o qual vivemos.

Portanto, convém sublinhar que a “leitura ao longo dos séculos vem perdendo seu caráter público e sonoro e se transformando numa forma dinâmica, silenciosa, íntima, do leitor se divertir, se informar, se orientar, imaginar, criar e participar”. (BARBOSA, 1994, p. 95).

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos indispensáveis para a compreensão do texto.

### **3º Capítulo - Percurso metodológico e análise dos dados.**

#### **3.1 - Metodologia da pesquisa - Estudo de Caso.**

Essa etapa de escrita da nossa monografia tem como pressuposto demonstrar como se deu o processo de investigação dos passos que compõe todo o alicerce para nossa formação profissional. Segundo Matos (2001);

O estudo de caso trata-se de uma forma de investigação bastante utilizada nos cursos de pós-graduação, sobretudo pela facilidade operacional que proporciona. A alternativa de utilizar uma amostra reduzida, faz com que essa modalidade de pesquisa se apresente como uma das mais populares entre os investigadores. (MATOS, 2001, p. 58).

Com isso, podemos identificar toda a experiência que obtivemos através do estudo de caso que realizamos durante o nosso processo de visitas nas escolas.

Ainda dentro das formas de realizar um estudo de caso destacamos durante o nosso percurso escolar a observação e o questionário. Em que de acordo com Matos (2001); “A observação é uma técnica muito utilizada, principalmente porque pode ser associada a outros procedimentos, por exemplo, a entrevista. Para ser considerada eficaz para a pesquisa científica, temos de observar, compreender o que é essencial e fazer o registro” (MATOS, 2001, p. 58).

Foi exatamente o que realizamos durante as visitas nas escolas, além da observação fizemos anotações, as quais seriam úteis para o nosso processo de análise dos dados.

Matos (2001) destaca também o questionário como uma técnica que pode ser utilizada durante o estudo de caso, a qual afirma que “ O questionário é uma técnica de investigação que consiste em que o investigado responda por escrito a um formulário (com questões) entregue pessoalmente, ou enviado pelo correio”.

Essas técnicas de investigação que utilizamos em nosso processo de estudo, serviram para que obtivéssemos todas as informações necessárias para a realização do nosso trabalho docente.

### **3.2 - Caracterização da escola.**

Para que pudéssemos ter uma formação fundamentada em bons princípios, foi necessário passarmos por várias etapas, entre elas a caracterização da escola, ou seja, o conhecimento de todos os aspectos físicos, organizacionais, funcionais e histórico da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Professor Francisco Cassiano Sobrinho, localizada na cidade de Poço de José de Moura - PB.

A referida Escola dispõe de uma ótima localização, já que se encontra situada bem no centro da cidade facilitando assim, o acesso de todos. A Escola também conta com uma ótima estrutura, dispondo de salas bem arejadas e de uma biblioteca com vários tipos de livros e revistas, a qual facilita e muito na aprendizagem dos educandos.

Além de ficarmos conhecendo a estrutura física da Escola, também obtivemos o conhecimento da estrutura profissional, ou seja, do corpo docente da mesma; onde tivemos um ótimo resultado, pois concluímos que todos os educadores possuem uma capacidade na sua prática e que no geral são ótimos educadores que exercem a docência não como obrigação, mas com amor.

Enfim, chegamos a conclusão de que a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Professor Francisco Cassiano Sobrinho é um educandário que possui ótimo aspecto físico, organizacional e funcional, além de um histórico esplêndido.

### 3.3 - Análise do Questionário do Gestor

Ao entrevistar o gestor da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Professor Francisco Cassiano Sobrinho, obtive as informações necessárias para compreender melhor o funcionamento da escola referente ao tema “leitura”, o qual irei trabalhar na referida escola.

Ao indagar o diretor da escola sobre de que forma a escola pode contribuir para a formação de estudantes leitores, o mesmo respondeu que “a escola deve está sempre cobrando dos professores metodologias apropriadas para atividades referentes à leitura”.

Quando perguntamos: o que a escola vem fazendo para motivar os alunos a gostarem de ler? O mesmo me respondeu que “a escola conta com uma biblioteca, a qual contém vários livros, com isso, os professores devem incentivar os alunos a freqüentá-la”. De acordo com a resposta acima citada, Teberosky e Colomer (2003), afirma que:

Os livros da biblioteca darão às crianças a medida do que podem esperar da leitura. É necessário, pois, construir um acervo de livros que funcione como um referente coletivo e permitir-se, ao mesmo tempo, com uma margem mais ou menos ampla, a novidade e a experimentação, mantendo sempre ativos aqueles livros que satisfazem, plenamente as necessidades literárias das crianças que têm somente uma vez idade para lê-los “como crianças”. (TEBEROSKY E COLOMER, 2003, P.140).

É indispensável que o professor faça um levantamento das dificuldades dos alunos, principalmente às dificuldades que os mesmos apresentam mediante as atividades de leitura. É preciso deixar os alunos escreverem e lerem textos livres, espontâneos, inclusive deixar eles contarem histórias como quiserem. É nesse tipo de material que podemos encontrar os elementos que mostram as reais dificuldades e facilidades dos alunos no aprendizado da leitura.

A terceira pergunta direcionada ao gestor foi a seguinte: a escola promove oportunidades, nas quais os alunos podem apreciar os diversificados tipos de leitura? O gestor logo respondeu que “sim, a escola faz com que os professores utilizem diversos livros, fazendo com os alunos possam apreender vários tipos de textos”.



A quarta e última pergunta feita ao gestor foi a seguinte: a biblioteca escolar influencia os professores e funcionários a motivarem os alunos a freqüentá-la? O gestor respondeu que “a biblioteca escolar dispõe de vários tipos de livros, livros esses de fundamental importância para os alunos. Com isso posso afirmar que a biblioteca escolar influencia sim os professores e funcionários a motivarem os alunos a freqüentá-la periodicamente”.

Com isso, concluímos que é necessário que toda escola disponha de uma biblioteca, a qual seja disponível para todos os alunos, já que a mesma é considerada um recurso de grande eficácia no processo de aquisição da leitura.

### **3.4 - Análise dos Questionários dos Professores**

No intuito de conhecer melhor o trabalho dos professores da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Professor Francisco Cassiano Sobrinho, localizada na cidade de Poço de José de Moura – PB, mediante atividades desenvolvidas nas aulas de leitura, elaboramos quatro perguntas referente ao tema em questão.

Das professoras que se disponibilizaram a responderem as questões levantadas, uma concluiu Licenciatura Plena em Ciências e as outras três possui o Ensino Normal Médio.

A professora “A” trabalha há 6 anos na referida escola, já as professoras “B” e “D” trabalham há 8 anos e a professora “C” faz somente 1 ano que trabalha na área da educação.

As perguntas apresentadas foram as seguintes:

- Quais os tipos de textos são trabalhados e discutidos na leitura?
- Qual o grau de afinidade que os alunos estão tendo em relação à leitura?
- Quais as metodologias utilizadas nas atividades de leitura?
- Qual o papel do educador frente às dificuldades de leitura?

As respostas das questões acima citadas foram as seguintes:

Na primeira questão, a professora “A” respondeu o seguinte: “São trabalhados não somente os textos dos livros didáticos, mas também livros de historinhas, rótulos de embalagens, cartazes, etc.” Já a professora “B” respondeu que são trabalhados “os textos didáticos e rótulos de embalagens que os alunos trazem de casa”. A professora “C” disse que “são discutidos os textos que estão contidos no livro didático”. E ainda em relação à primeira questão, a professora “D” respondeu: “Os textos do livro didático e outros textos que trago de outros livros”.

Os professores devem levar em consideração tanto os conhecimentos prévios dos alunos quanto as diversidades de escritas sociais que encontramos em todos os lugares e que fazem parte da nossa vida. Nessa perspectiva, Barbosa (1994) nos lembra o seguinte:

*A escrita social, com caracteres e funções diferentes, propicia leituras diversificadas. Não se lê da mesma maneira um folheto de divulgação, uma receita culinária ou um livro de literatura. Lançamos mão de estratégias de leitura diferentes para aprender as informações contidas nos diferentes textos, e o nosso interesse nas informações e o objetivo desejado vai determinar o tipo de leitura a ser feito. Esta flexibilidade de atenção, as várias formas de ler para apreender o sentido dos textos, é fundamental para o homem e sua adaptação ao mundo moderno. (BARBOSA, 1994, p.115).*

Com relação à segunda questão obtivemos as seguintes informações: A professora “A” respondeu que “pouco a pouco eles estão começando a desenvolver o gosto de ler pequenos textos do livro didático e outros trabalhados nas aulas de leitura”, enquanto que a professora “B” respondeu que “a afinidade é muito pouca, porque muitos alunos não têm condições de comprar livros e revistas, dificultando assim o prazer de ler”. Ainda com relação a segunda questão, a professora “C” respondeu: “os alunos não gostam muito de ler, apresentando muitas dificuldades durante as atividades de leitura”. E a professora “D” disse que “alguns alunos gostam de ler e outros não”.

Com relação às respostas acima obtidas, Barbosa (1994), reforça que:

*Uma criança não aprenderá se ela não tem interesse ou não vê significado no ato de ler, se criou hostilidade pelo professor, pela escola ou pelo grupo social que ambos representam, se acredita que esta seja uma aprendizagem muito difícil. Pode ser também que ela tenha uma idéia falsa sobre a natureza da leitura, isto é, se aprendeu (ou nós indiretamente a ensinamos) que a leitura não tem sentido, é algo maçante e só serve para ganhar boas notas. (BARBOSA, 1994, p.140).*

O desafio do professor é encontrar as razões da dificuldade e a forma de intervir para que os alunos encontrem prazer em ler, e fazer da leitura um hábito agradável tanto na sala de aula, como fora, no meio social. Assim o aluno ao ler irá saber que a leitura não é importante somente para tirar boas notas, mas que é indispensável e necessária para toda a vida.

A professora “A” respondeu a terceira questão da seguinte forma: “Peço para cada aluno ler um pequeno texto e depois dizer para os outros alunos o seu entendimento sobre o mesmo”. A professora “B” respondeu que “lê oralmente um texto do livro para que os alunos possam acompanhar a leitura pelo livro”. A professora “C” citou que “a metodologia utilizada é que cada um leia um parágrafo do texto”. E a professora “D” respondeu: “Peço que os alunos leiam as leituras em casa, para que na sala de aula cada um já saiba de que se trata a leitura”. Com base nas respostas acima adquiridas, Barbosa (1994) nos afirma que:

O professor deve variar os materiais e as atividades de leitura, criando a cada dia situações novas, atraentes, afirmando o uso social da escrita, evitando o tradicional e não significativo uso escolar da escrita – os textos decifratórios, as cópias e ditados sem objetivo ou sentido para as crianças. (BARBOSA, 1994, p.140)

O professor além de dispor de muitos materiais diversificados, deve também saber bem utilizá-los; pois, o que a criança deseja é que a atividade desenvolvida em sala de aula lhe traga algum prazer e satisfação.

As respostas da quarta questão foram as seguintes: a professora “A” afirmou que “o professor deve procurar fazer o possível para que os alunos possam desenvolver a aprendizagem da leitura”. Já a professora “B” citou que “o professor deve está procurando utilizar não somente os textos dos livros didáticos, mas outros textos para que os alunos possam assimilar melhor as leituras. O professor “C” respondeu a pergunta da seguinte forma: “o professor deve está sempre motivando os alunos a gostarem de ler”. Ainda com relação a quarta questão, o professor “D” respondeu que “o papel do educador é está sempre procurando fazer com que os alunos leiam as leituras pedidas”.

De acordo com o que foi exposto, convém sublinhar que o professor exerce um papel indispensável na aprendizagem e na concepção da leitura por parte de seus alunos. Diante dessa perspectiva, Barbosa (1994) destaca que:

O professor deixa de ser um mero transmissor de conteúdos e técnicas e assume o papel de orientador da aprendizagem. Para isso, ele necessita, de um lado, aprofundar-se no conteúdo referente às questões de leitura e, de outro, ter um bom conhecimento das crianças que lhe são confiadas, uma atitude positiva e atenta frente aos alunos, uma sensibilidade pelos interesses e possibilidades de cada um. Tem também de conhecer a realidade social do país e as questões do acesso aos bens culturais produzidos no passado e no presente. Somente o professor pode intuir o que convém, fazer num determinado momento para ajudar o aluno a prender a ler. (BARBOSA, 1994, p. 187).

Convém destacar que a partir do momento em que a criança é colocada numa situação de leitura, ela inicia imediatamente o desenvolvimento da aprendizagem, com isso ela irá progredindo a cada dia, desde que a mesma conviva diretamente com as mais variadas escritas sociais, já que o convívio com os diversos tipos de leitura é que possibilitará uma melhor aquisição e apreciação da leitura. O professor a cada dia deve rever a sua metodologia utilizada principalmente na aula de leitura.

### **3.5 - Análise dos Questionários dos Alunos**

Com a finalidade de conhecer o gosto de alguns alunos pela leitura, resolvemos aplicar algumas perguntas aos mesmos, as quais nos comprovariam as informações necessárias para o desenvolvimento do nosso trabalho.

Na primeira questão, perguntamos aos alunos como eles se sentiam quando ganhavam um livro de presente? Dos alunos entrevistados, 8 afirmaram que se sentem muito felizes quando ganham um livro, enquanto que 6 afirmaram que gostam, mas não muito e apenas 1 disse que não gosta.

Na segunda questão perguntamos: como vocês se sentem quando gastam os seus tempos livres lendo? A resposta dos alunos foi unânime, pois 10 dos 15 alunos responderam que gostam, enquanto que 5 afirmaram que não gostam.

A terceira pergunta foi a seguinte: vocês acham que irão gostar de ler quando forem maiores? 5 alunos responderam que sim, 6 disseram que não sabem ainda e 4 afirmaram que não.

A quarta questão indagada aos alunos foi a seguinte: como vocês se sentem quando vão a uma livraria? 4 responderam que se sentem felizes, 2 responderam que gostam, mas não muito, enquanto que 9 responderam que não gostam.

Na quinta questão perguntamos: como vocês se sentem quando lêem uma história para vocês? 10 alunos responderam que gostam quando alguém lê uma história para eles, enquanto que 5 disseram que não gostam. Com relação às respostas dos alunos acima citadas, Cagliari (1995) afirma que:

A leitura oral é feita não somente por quem lê, mas pode ser dirigida a outras pessoas, que também lêem o texto ouvindo-o. Os primeiros contatos da criança com a leitura ocorrem desse modo. Os adultos lêem histórias para elas. Ouvir histórias é uma forma de ler. A diferença entre ouvir a fala e ouvir a leitura está em que a fala é produzida espontaneamente, ao passo que a leitura é baseada num texto escrito, que tem características próprias diferentes da fala espontânea. (GAGLIARI, 1995, p.155)

Uma criança que é muito exposta a manifestações orais tem grandes vantagens na escola sobre aquelas crianças que não tem a mesma chance na vida. Ouvir uma leitura equivale a ler com os olhos, a única diferença reside no canal pelo qual a leitura é conduzida do texto ao cérebro.

Na sexta questão indagamos aos alunos: quando vocês vão à casa de um amigo, vocês gostam de ler os livros dele? 5 alunos logo responderam que sim, 6 responderam que gostam, mas não muito e 4 responderam que não.

Na sétima questão perguntamos: como vocês se sentem quando lêem poemas para vocês? 10 responderam que se sentem felizes, enquanto que 5 responderam que não gostam.

Na segunda etapa dos questionários referente aos alunos, pedimos aos mesmos que completassem algumas frases que elaboramos, com a intenção de adquirir informações referente ao tema Leitura.

A primeira frase a ser completada foi a seguinte: Adoro ler...; 10 alunos completaram afirmando que adoram ler gibis, enquanto 2 afirmaram que adoram ler revistas e 3 responderam que adoram ler historinhas.

A segunda frase foi a seguinte: Gosto de escrever sobre...; 9 alunos completaram-na afirmando que gostam de escrever sobre tudo, 2 afirmaram que escrevem sobre desenhos e 4 disseram que gostam de escrever sobre notícias.

A terceira frase a ser completada foi: Um dia vou escrever...; 12 alunos completaram essa frase afirmando que um dia irão escrever um livro de historinhas e 3 disseram que irão escrever uma revista.

A quarta frase foi: Fico muito entretido quando...; dos 15 alunos que completaram essa frase, 11 afirmaram que ficam entretidos quando estão brincando, 1 afirmou que fica entretido quando está lendo e 3 disseram que ficam entretidos quando estão jogando.

A quinta frase completada foi: Meu programa favorito na TV é...; 13 alunos a completaram afirmando que o programa favorito dos mesmos é o Sítio do Pica-pau Amarelo e 2 afirmaram que o programa preferido dos mesmos é a TV Globinho.

A sexta frase foi a seguinte: Quando estou lendo, eu...; dos 15 alunos, 9 responderam que quando estão lendo eles se divertem, enquanto que 6 alunos responderam que quando estão lendo eles aprendem muito.

A sétima frase a ser completada foi a seguinte: Gosto de usar meu tempo livre em...; 11 alunos responderam que gostam de usar o tempo livre em passeio, 2 disseram que gostam de usar o tempo livre em brincadeiras e 2 alunos responderam que gostam de usar o tempo livre em festas.

A oitava frase a ser completada foi: Tenho dificuldade de entender uma leitura quando...; 5 alunos responderam que possuem dificuldades quando a leitura é longa e 10 afirmaram que sentem dificuldades quando a leitura é difícil.

A nona frase a ser complementada foi à seguinte: Acho que as historinhas são...; dos 15 alunos que completaram essa frase, 7 alunos afirmaram que acham as historinhas boas e 8 afirmaram que as historinhas são engraçadas e divertidas.

A décima frase requisitada foi: Eu leria mais se...; 7 alunos a completaram dizendo que leriam mais se as histórias fossem engraçadas, 5 afirmaram que leriam mais se as histórias fossem mais acessíveis 3 ainda responderam essa mesma frase afirmando que leriam mais se tivessem condições de comprarem livros.

A décima primeira frase foi à seguinte: Quando leio em voz alta, eu...; 10 alunos a responderam afirmando que quando lêem em voz alta, eles aprendem cada vez mais, e 5 afirmaram que quando lêem em voz alta, eles se concentram com mais facilidade.

Diante das respostas acima citadas, Cagliari (1995) afirma que tanto na escola como até mesmo na vida das pessoas há alguns vícios de leitura, o qual destaca que:

Alguns indivíduos só conseguem entender um texto se lerem em voz alta; outros, ao contrário, só se lerem em silêncio; alguns lêem silabando ou palavra por palavra; há os que, quando lêem, precisam “mastigar os sons” e ficam mimificando à medida que lêem. Há ainda as pessoas que só conseguem compreender um texto respondendo a perguntas a respeito dele, porque foram treinados pela escola a responder a um questionário de interpretação de texto após cada leitura e julgam que essa é a única maneira de compreenderem o que lêem. A leitura deve variar de acordo com o texto. Não se lê uma poesia como se lê um problema de matemática ou narrativa. A reflexão que o primeiro tipo de leitura exige é diferente da que exigem o segundo e o terceiro. É preciso ensinar as crianças como proceder em cada caso, mostrando-lhes como ler provas, exames, questionários, formulários, instruções, jornais, revistas, etc. (CAGLIARI, 1995, p.172).

É importante destacar que o ato de ler é uma conquista de todo indivíduo que submete a realizar os vários tipos de leitura.

A décima segunda frase a ser complementada foi: Para mim, os livros de estudo são...; para essa pergunta obtivemos de todos os alunos a mesma resposta, ou seja, para os 15 alunos entrevistados, os livros de estudos na opinião deles são bons e importantes.

A décima terceira frase a ser completada foi à seguinte: Quando leio em silêncio, eu...; 12 alunos responderam que ao lêem em silêncio aprendem com mais facilidade, enquanto que os outros 3 disseram que ao lêem em silêncio adquirem com maior rapidez os conhecimentos.

A décima quarta frase requisitada foi: Se tivesse de recomendar um livro, eu escolheria...; 12 alunos afirmaram que escolheriam o livro de Português e 3 alunos disseram que escolheriam o livro de História.

A décima quinta frase a ser complementada foi à seguinte: Acho os jornais...; dos 15 alunos entrevistados, 10 afirmaram que acham os jornais interessantes, 2 afirmaram que acham os jornais importantes para saberem as notícias, enquanto 3 acham os jornais insignificantes.

E a décima sexta frase a ser completada foi: Se tivesse de viver um ano em uma ilha deserta, eu levaria os seguintes livros:...; 3 alunos completaram afirmando que levariam os livros de História, Geografia e Português, 5 afirmaram que levariam os livros de historinhas, gibis, revistas infantis, e 7 afirmaram que levariam os livros de aventuras.

Por fim, concluímos o nosso trabalho de pesquisa em escola sobre o tema Leitura. Todos os dados obtidos nas entrevistas foram e serão muito relevantes para o desenvolvimento de um trabalho em cima do que foi obtido durante as visitas e entrevistas na escola.



## ANÁLISE DO ESTÁGIO

Período de desempenhar a atividade de docente em sala de aula, no qual tínhamos como base os conhecimentos teóricos nas disciplinas que fazem parte do curso.

Durante os vinte dias em que éramos regentes em sala de aula, pudemos desenvolver atividades relacionadas à leitura, já que era a grande dificuldade apresentada por parte dos alunos.

Na primeira semana de estágio, utilizamos o caminho da leitura com diversos materiais, para que assim despertasse nos alunos o gosto pela leitura.

O caminho da leitura tinha como objetivo fazer com que os alunos encolhessem os materiais que mais lhe chamassem a atenção e a partir daí pudessem fazer suas leituras individuais e depois expressar os seus entendimentos para a toda a turma.

Com o desenvolvimento das atividades, identificamos o desempenho dos educandos, principalmente nas atividades de leitura, pois o interesse por ler estava melhorando a cada dia.

No decorrer das outras semanas percebemos que o nosso trabalho estava fazendo efeito, já que era notável uma melhor aprendizagem por parte dos nossos aprendizes.

No desenvolvimento do nosso trabalho, pudemos contar com o apoio de diversos materiais, além de metodologias que chamassem a atenção de todos os alunos, para que assim a aprendizagem acontecesse da melhor maneira possível.

A biblioteca escolar também serviu de suporte para um melhor desempenho dos trabalhos, já que a maioria dos alunos não a freqüentava e muito menos conheciam os materiais que nela continha, a exemplos de livros de literatura, de história, etc.

O conhecimento do local serviu para que a leitura se tomasse mais assídua, tanto por parte dos alunos, como também por parte da professora que se conscientizou da importância de também poder contar do apoio da biblioteca para as atividades, principalmente a de leitura.

Ao final dos vinte dias letivos, cumprimos com o nosso dever de poder contribuir na formação de alguns indivíduos que precisarão de nossa ajuda e que ainda precisam da colaboração, compreensão e da ajuda de muitas pessoas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência adquirida no estágio foi essencial para que pudéssemos conhecer um pouco da vida de um professor.

Compreendemos que o professor é muito mais do que o mediador do conhecimento, é também na maioria das vezes, pai, amigo, conselheiro, enfim, alguém em quem o aluno confia, acredita e gosta. Sabemos que a profissão de professor é árdua, mas gratificante para quem a exerce com amor.

Por isso e outros motivos, é que durante todo o percurso escolar, nos preparamos para exercer o nosso ofício de professores, já que tínhamos optado por essa profissão que é a mais importante de todas as outras, sendo que os demais profissionais das outras áreas têm que passar pelas mãos de nós professores.

Sendo assim, temos que nos orgulharmos a cada dia por termos conseguido conquistar essa tão desejada vitória em nossas vidas, pois muitos tentam, mas poucos conseguem alcançar o objetivo de concluir o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, e nós conseguimos graças à Deus e a todos aqueles que nos ajudaram a vencer os obstáculos do dia-a-dia.

Por fim, todos os conhecimentos e experiências adquiridas e vivenciadas durante o curso, servirão de suporte para que possamos exercer com sucesso nossa profissão, e que acima de tudo, consigamos contribuir na formação de muitas pessoas que irão fazer parte de nossa vida.

## REFERÊNCIAS

- BACELAR, Lucidalva Pereira & CUNHA, Maria Josenilde Costa. **Metodologia do ensino de português**. Fortaleza, CE: UVA, 2000.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. Scipione. São Paulo, 1995.
- CARVALHO, José Augusto. **Aprendendo a ler II**. Brasília Editora S/A, Vitória do Espírito Santo, 1975.
- GERALDI, João Wanderley (org). **O texto na sala de aula**. Ática. São Paulo, 2005.
- JOLIBERT, Josette. (coord.). **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. 3. ed. São Paulo, 1985.
- KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leituras: teoria e prática**, 6. ed., Campinas, SP: Pontes, 1998.
- TEBEROSKY, Ana e COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- WEISZ, Telma & SANCHEZ, Ana. **O diálogo entre ensino e a aprendizagem**. 2. ed. São Paulo, SP, 2002.

# ANEXOS

## **GESTOR**

**NOME:**

**IDADE:**

**TEMPO QUE TRABALHA EM EDUCAÇÃO:**

**FORMAÇÃO:**

### **QUESTÕES:**

1. De que forma a escola pode contribuir para a formação de estudantes leitores?
2. O que a escola vem fazendo para motivar os alunos à gostarem de ler?
3. A escola promove oportunidades, nas quais os alunos podem apreciar os diversificados tipos de leitura?
4. A biblioteca escolar influencia os professores e funcionários a motivarem os alunos a frequentá-la?

## **PROFESSOR**

**NOME:**

**IDADE:**

**TEMPO QUE TRABALHA EM EDUCAÇÃO:**

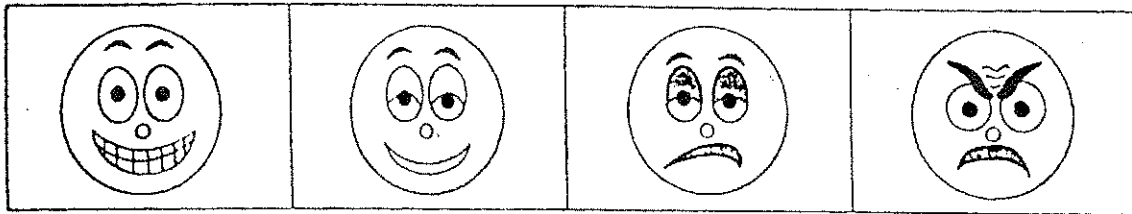
**FORMAÇÃO:**

### **QUESTÕES:**

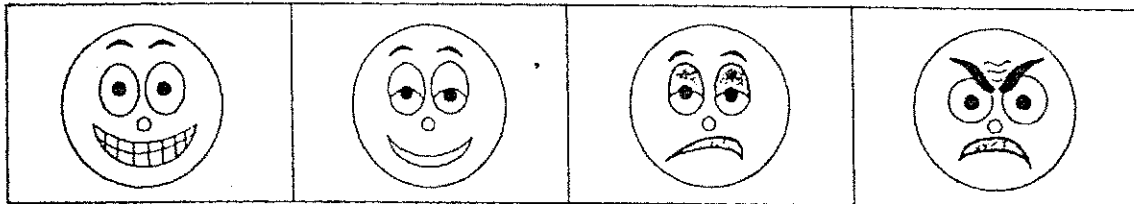
1. Quais os tipos de textos são trabalhados e discutidos na leitura?
2. Qual o grau de afinidade que os alunos estão tendo em relação a leitura?
3. Quais as metodologias utilizadas nas atividades de leitura?
4. Qual o papel do educador frente às dificuldades de leitura?

Nome..... Série.....

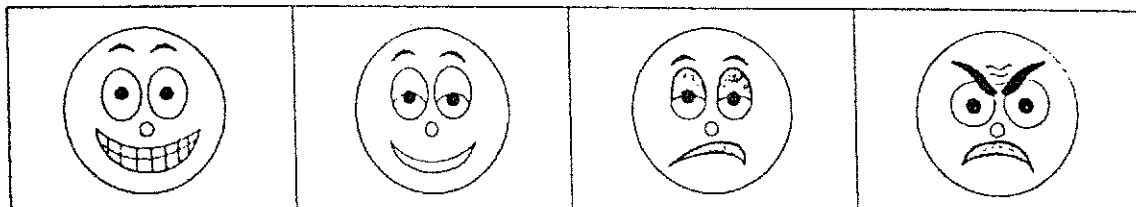
Como você se sente quando ganha um livro de presente?



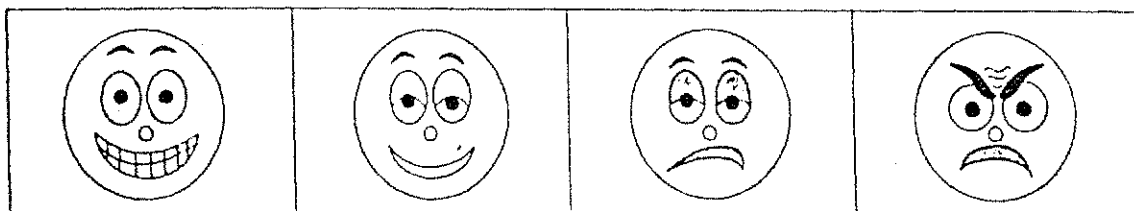
Como você se sente quando gasta seu tempo livre lendo?



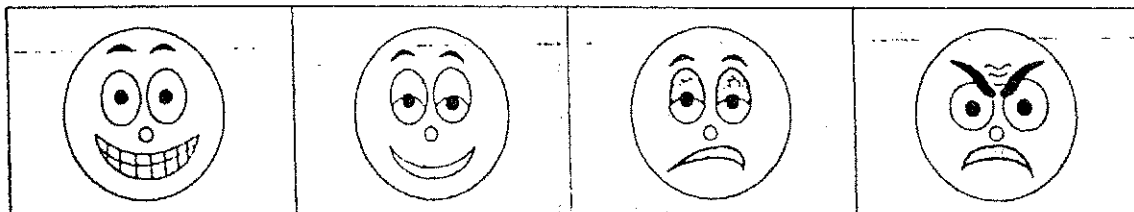
Você acha que vai gostar de ler quando for maior?



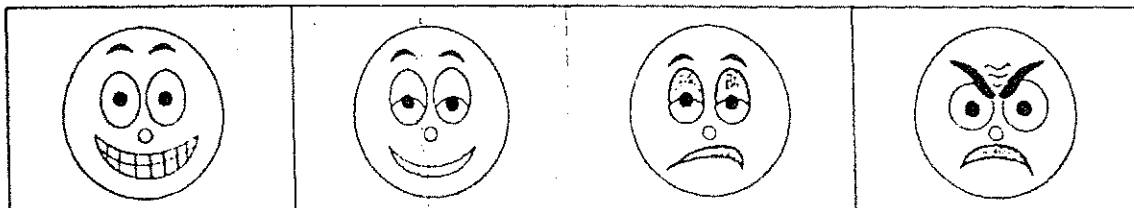
Como você se sente quando vai a uma livraria?



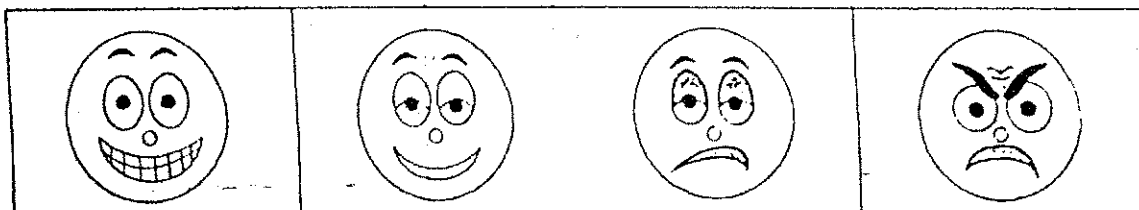
Como se sente quando lêem uma história para você?



Quando vai à casa de um amigo, gosta de ler os livros dele?



Como se sente quando lêem poemas para você?





**Inventário de interesses.** Os inventários de interesses consistem em um número de afirmações que os alunos fazem por escrito ou oralmente durante as entrevistas. Outras vezes, como no exemplo apresentado a seguir, são feitas afirmações incompletas que os alunos devem completar oralmente ou por escrito.

Inventário de interesses	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Adoro ler...</li> <li>- Gosto de escrever sobre...</li> <li>- Um dia vou escrever...</li> <li>- Fico muito entretido quando...</li> <li>- Meu programa favorito na TV é...</li> <li>- Quando estou lendo, eu...</li> <li>- Gosto de usar meu tempo livre em...</li> <li>- Tenho dificuldade de entender uma leitura quando...</li> <li>- Acho que as historinhas são...</li> <li>- Eu leria mais se...</li> <li>- Quando leio em voz alta, eu...</li> <li>- Para mim, os livros de estudo são...</li> <li>- Quando leio em silêncio, eu...</li> <li>- Se tivesse de recomendar um livro, eu escolheria...</li> <li>- Acho os jornais...</li> <li>- Se tivesse de viver um ano em uma ilha deserta, eu levaria os seguintes livros...</li> </ul>	

**Pauta de observação de atitudes diante da leitura**

	SIM	NÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pareceu contente durante as atividades de leitura?</li> <li>- Pediu para ler em voz alta espontaneamente nas aulas?</li> <li>- Leu algum livro durante seu tempo livre?</li> <li>- Mencionou ter lido algum livro em casa?</li> <li>- Escolheu a leitura em vez de outras atividades (baralho, pintar, conversar, etc.)?</li> <li>- Pediu permissão para ir à biblioteca?</li> <li>- Pediu livros emprestados na biblioteca?</li> <li>- Leu a maioria dos livros até o final?</li> <li>- Mencionou livros que tem em casa?</li> </ul>		

FONTE: Glasson e Thériault, 1983.